

OS MUTANTES: CANÇÃO BRASILEIRA?

OS MUTANTES: BRAZILIAN SONG?

Rafael Marcurio da Cól, Luciane de Paula – Campus de Assis – Faculdade de Ciências e Letras – Letras
–rafaeldacol@hotmail.com.

Palavras-chave: Os Mutantes; Diálogo; Círculo de Bakhtin.

Keywords: Os Mutantes; Dialogue; Bakhtin Circle.

INTRODUÇÃO

Quando se ouve com melhor atenção as canções d’Os Mutantes, uma das bandas consideradas pela crítica como pioneiras do *rock* nacional, é possível observar duas presenças marcantes que compõem o seu estilo discursivo (tanto musical quanto composicional): uma vinda do exterior, *The Beatles*; e outra, nacional, a Tropicália.

Antes d’Os Mutantes se tornarem uma das referências do *rock* brasileiro, seu repertório era composto, em sua maioria, por algumas das canções da banda *The Beatles*. Ao longo da carreira (com as gravações de seus discos), ocorre uma brusca mudança com a banda: se, a princípio, Os Mutantes utilizavam – especialmente em seus primeiros trabalhos – muitos elementos trazidos da prática *cover* de *The Beatles* (como tocar o repertório em inglês, com a tentativa de imitação da banda inglesa citada até em suas performances), a posteriori, a banda passa a ser muito influenciada pelos tropicalistas – em especial, nos segundo e terceiro discos – até encontrar sua identidade/brasilidade ou, como inspira o nome da banda, seu estilo mutante.

Assim, mais do que as influências de *The Beatles* e da Tropicália, o que constitui o objeto desta pesquisa é analisar como se constitui o estilo d’Os Mutantes, a partir do diálogo (em sentido amplo, tal qual o considera o Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov) com os dois grupos supramencionados. Para isso, este trabalho se propõe a analisar as seguintes canções: “O Relógio” (encontrada no primeiro disco da banda, intitulado *Os Mutantes*, de 1968), a fim de demonstrar a influência de *The Beatles* na obra inicial do grupo brasileiro; “Bat Macumba” (faixa do mesmo álbum) e “Dois mil e um (2001)” (pertencente ao segundo disco do grupo, denominado *Mutantes*, de 1969) como exemplos do diálogo com a Tropicália; “Mágica” (também do segundo disco), “Ando meio Desligado” (pertencente ao terceiro álbum, intitulado *A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado*, de 1970) e “Balada do Louco” (do último disco aqui considerado, gravado antes da saída de Rita Lee da banda, denominado *Mutantes e seus Cometas no País Baurets*, de 1972). Esta delimitação de objeto de pesquisa é visto como exemplo de como Os Mutantes, aos poucos, delinearam seu estilo como grupo expressivo do cancionário brasileiro.

1. OBJETIVOS

- . Analisar os elementos (forma, conteúdo e estilo) do gênero discursivo canção que remetam à constituição da brasilidade (a antropofagia composicional e musical) expressa no discurso cancionário (letra e música) da banda Os Mutantes.
- . Estabelecer diálogos (aproximações e distanciamentos) entre elementos (textuais e discursivos, tanto da música quanto da letra) das canções d’Os Mutantes e das canções de *The Beatles* e dos Tropicalistas;
- . Compreender como e por que o estilo d’Os Mutantes foi construído em diálogo, principalmente, com os grupos citados (*The Beatles* e a Tropicália), todos pertencentes ao gênero discursivo canção.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta é uma pesquisa bibliográfica, pois está centrada nas canções a serem analisadas e nos textos teóricos e contextuais a serem estudados.

As concepções de diálogo, sujeito e gênero (composto por forma, conteúdo e estilo) do Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov compõem o embasamento teórico desta pesquisa.

Embora há seis meses, tanto no GED – Grupos de Estudos Discursivos, quanto em orientações pessoais, esta pesquisa tem sido elaborada e estudada (o que explica certa intimidade com o tema), ela ainda se encontra em estágio embrionário (término de construção do projeto de pesquisa submetido à FAPESP, no aguardo de resposta). Por isso, projeta-se aqui o percurso metodológico a ser seguido, calcado em três etapas, tal qual sugere Brait (2005), uma vez que, como não existe uma metodologia consolidada para se analisar, discursivamente, o gênero canção (letra e música), propõe-se aqui uma pesquisa interpretativa com caráter analítico-descritivo.

A primeira etapa à qual se refere Brait (2005) caracteriza-se pela “descrição” do objeto. Tal descrição vai do material que lhe serve de suporte físico (no caso da canção, letra e música) à sua “aparência” geral (a canção em si, performances de apresentações da banda, encartes dos discos, etc.) e inclui um levantamento sumário dos elementos essenciais de sua esfera de atividade, tal como manifestos no texto. Os resultados apresentados aqui se referem a este momento da pesquisa, pois centrados na descrição da obra d’Os Mutantes em diálogo com *The Beatles* e a Tropicália. Ainda não foram realizadas as demais etapas, dado o momento inicial da pesquisa.

A segunda etapa é a de “análise” discursiva do *corpus*, que apresenta seus vários procedimentos de construção (no caso do gênero discursivo, forma, conteúdo e estilo).

A terceira etapa, “interpretativa”, busca identificar, dadas a esfera de atividades, a materialidade linguística e translinguística e os recursos textuais e discursivos do *corpus*, que efeitos de sentido são nele construídos e por ele obtidos.

Como as etapas descritas seguem uma seqüência de aumento de amplitude, a última se caracteriza como o levantamento geral do exame a ser realizado como método dialético-dialógico filosófico-sociológico preconizado pelo Círculo russo, tal qual propõe Bakhtin/Medvedev (1994).

Essa seqüência de etapas marca o momento em que o analista tem diante de si o objeto. Segui-las é um procedimento metodológico que tem dado bons frutos, conforme afirma Sobral (2006). Isso não quer dizer que a apresentação do exame do objeto vá seguir necessariamente essa seqüência ou tenha de mostrar necessariamente resultados de cada uma delas. Afinal, quando se descreve os elementos de um gênero discursivo, aborda-se as relações (diálogos) entre seus elementos (forma, conteúdo e estilo) com outros discursos do mesmo gênero (no caso, a interação entre os discursos canceiros d’Os Mutantes, de *The Beatles* e da Tropicália) e se identifica efeitos de sentido nele produzidos (o estilo Mutantes). Ao se agir dessa maneira, segue-se implicitamente as etapas descritas, sem se quebrar o caráter totalizante do exame do gênero. Assim, a ênfase se encontra na interseção, necessária e positiva, entre essas etapas.

Ao pensar nesse procedimento metodológico, esta pesquisa, primeiro, descreverá o material delimitado (as canções) para refletir sobre os gêneros canceiros, tal qual ocorre a seguir. Depois, analisará as marcas de diálogos e a constituição genérica de cada canção (tomando como referências a banda *The Beatles* e a Tropicália). Por fim, interpretará o estilo d’Os Mutantes como banda representativa da brasilidade canceira, de acordo com a perspectiva dos estudos do Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov.

3. DISCUSSÕES E FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados se referem, como já mencionado anteriormente, apenas à descrição prévia da obra d’Os Mutantes e seu diálogo com *The Beatles* e a Tropicália. O levantamento da obra e a descrição das canções a serem analisadas foram realizados para se pensar nos critérios de seleção do *corpus*.

Assim, eles (os resultados aqui apresentados) não se caracterizam como análises do estilo da banda nem do gênero discursivo canção, proposta deste estudo, mas demonstram como se chegou à hipótese levantada neste trabalho, bem como no recorte do *corpus* da pesquisa.

Mesmo assim, os resultados se relacionam com um dos objetivos elencados nesta proposta (o segundo, especificamente, que se refere ao diálogo entre as obras d’Os Mutantes, de *The Beatles* e da Tropicália, afinal, foi pensando nessa interação discursiva que o projeto foi delineado).

Segue-se, então, a descrição geral e sumária do diálogo entre os grupos mencionados ao longo desta proposta, considerando os cinco (5) primeiros álbuns d’Os Mutantes (fase da constituição original da banda, antes de Rita Lee sair do grupo).

Se o primeiro álbum d’Os Mutantes possui elementos musicais e composicionais de *The Beatles* (tanto de sua fase “iê-iê-iê” quanto “pós-Revolver”), no último, isso fica minimizado. Quanto ao diálogo com a Tropicália, ele aparece timidamente no primeiro álbum e se intensifica no segundo, diminuindo (mas permanecendo) nos terceiro, quarto e quinto discos. Do segundo ao quinto trabalho d’Os Mutantes, seu estilo aparece e é desenvolvido numa crescente. Pensando nesse percurso dialógico constitutivo do estilo d’Os Mutantes é que o *corpus* de análise da pesquisa foi delimitado. Para uma melhor visualização do recorte do objeto, segue a tabela abaixo:

Discos	Canções em diálogo com <i>The Beatles</i>	Canções em diálogo com a Tropicália	Canções típicas do estilo Mutantes
<i>Os Mutantes</i> (1968)	O Relógio	Bat Macumba	
<i>Mutantes</i> (1969)		Dois Mil e Um (2001)	Mágica
<i>A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado</i> (1970)			Ando Meio Desligado
<i>Jardim Elétrico</i> (1971)			
<i>Mutantes e seus Cometas no País Baurests</i> (1972)			Balado do Louco

Como demonstrado na tabela, a canção “O Relógio” é, de acordo com pesquisa previamente realizada para seleção do *corpus*, a que melhor representa os elementos beatleanos presentes na obra d’Os Mutantes. Ela é uma das primeiras canções composta pelo grupo e se caracteriza por conter em si dois tipos de andamentos musicais totalmente distintos: um lento, meio hipnótico; e outro, mais imponente, com mais instrumentos. Essa quebra de andamento também é usada na canção *Long, long, long*, faixa do disco intitulado *The White Album* (de 1968, mesmo ano do lançamento do álbum *Os Mutantes*, onde se encontra a canção “O Relógio”). O canto é realizado por duas vozes que remetem à harmonia vocal utilizada pela banda inglesa.

Com referência ao Movimento Tropicalista, a canção “Bat Macumba” é a grande atração do primeiro álbum da banda, uma vez que o arranjo de guitarra e as fortes percussões dão caráter pós-moderno à música, enquanto a letra e o ritmo remetem aos terreiros de Candomblé.

No segundo álbum, a presença de *The Beatles* é um pouco abafada, pois, apesar de existirem elementos de suas canções incorporados às canções d’Os Mutantes, eles não são a evidência do álbum. A banda, no disco de 1969, mescla tanto diversas melodias (de variadas fontes) quanto outros elementos composicionais (brasileiros e estrangeiros) em suas canções. Além disso, também há, neste álbum, mais composições próprias.

“2001”, composta por Tom Zé, é um exemplo de distanciamento de *The Beatles* e aproximação com os tropicalistas. A canção citada ganha uma interpretação única feita pela banda, que, outra vez, utiliza o recurso de colocar dois andamentos musicais numa mesma canção (um representando a cultura popular e o outro, o tom de modernidade da banda e do país. No primeiro, o grupo incorpora o modo de falar de um caipira e, no outro, o futurismo de “2001”).

No mesmo álbum (o segundo da banda, de 1969), a canção “Mágica”, por sua vez, pode ser considerada a primeira na qual a banda mostra o estilo Mutantes, pois, apesar de conter ainda traços de seus influenciadores mais diretos (*The Beatles* e Tropicália), já apresenta traços típicos e expressivos da banda (arranjo de guitarras inovador e harmonias vocais típicas). A partir desse momento, o estilo mutante passa a ser a tônica regular dos demais discos.

Outro exemplo desse estilo “*rock’n roll*” antropofágico (brasileiro, se se pensar nas teses de Oswald e Mário de Andrade acerca da antropofagia como elemento nacional) é a canção “Ando Meio Desligado”, do terceiro disco (de 1970).

O próximo disco (de 1971) é destoante das obras passadas, pois o psicodelismo é levado ao extremo (como ocorre com *The Beatles* em seu disco *Lucy in the Sky with Diamonds*). Todo o álbum é composto por *rock* pesado e sem muitos elementos nacionais. Por isso, nenhuma canção dele foi escolhida para análise, ainda que ele faça parte do cancionário d’Os Mutantes.

“Balada do Louco” (do disco de 1972) é a última canção elencada como objeto de análise desta pesquisa. Nela, pode-se encontrar a banda amadurecida, com seu estilo experimental e antropofágico desenvolvido.

O esperado, depois da pesquisa realizada (refere-se aqui às etapas posteriores, de análise e interpretação, ainda não realizadas neste momento) é ter o estilo d’Os Mutantes como grupo representativo da cultura brasileira – o embrião do *rock* nacional – como resultado do diálogo entre Os Mutantes, *The Beatles* e a Tropicália.

CONCLUSÃO

Em suma, esta pesquisa pretende contribuir com os estudos dos gêneros discursivos e, especificamente, do gênero discursivo canção, dada a importância do estudo do estilo como parte da arquitetura do gênero (composto por forma, conteúdo e estilo), uma vez que estudar o estilo d’Os Mutantes, por meio da busca de diálogos (com a Tropicália e *The Beatles*, especificamente) que justifiquem a tessitura discursiva de sua obra, apresenta-se como um exemplar dos estudos do gênero discursivo canção em sua relativa estabilidade e incorporação intergenérica.

Afinal, a análise dialógica dos elementos constitutivos do estilo d’Os Mutantes, como grupo exemplar do gênero discursivo canção brasileira e também como “arena” onde há o embate entre vozes sócio-culturais (Bakhtin/Volochinov, 1992), é um meio de interpretação da representação do mundo via linguagem, tecida a partir de seus fios (signos) ideológicos.

Além disso, este trabalho também pode se apresentar como uma reflexão acerca da brasilidade da canção composta e musicada neste país, uma vez que pensar a produção da canção brasileira realizada por um grupo tido como expressivo e representativo de parte de sua cultura cancionista significa refletir sobre sua identidade cultural (o que foi aqui denominado como brasilidade). No projeto ao qual se refere esta proposta, parte-se da hipótese de que a banda analisada se caracteriza pela antropofagia e este é o seu estilo, seu jeito de ser Mutante-brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- CALADO, C. *A Divina Comédia dos Mutantes*. Rio de Janeiro: 34, 1995
- BARROS, P. M. de. *Panis et Circensis: ideia de nacionalidade no Movimento Tropicalista*. Londrina: EDUEL, 2000.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV). (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. M. (MEDVEDEV). (1928). *El método formal en los estudios literarios*. Madrid: Alianza, 1994.
- BAKHTIN, M. M. (1920-1974). *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução do russo feita por Paulo Bezerra. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRAIT, B. Introdução. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MUTANTES, Os. (1968). *Os Mutantes*. Rio de Janeiro: Polydor, 1992.

- _____. (1969). *Mutantes*. Rio de Janeiro: Polydor, 1992.
- _____. (1970). *A Divina Comédia ou Ando meio Desligado*. Rio de Janeiro: Polydor, 1992.
- _____. (1971). *Jardim Elétrico*. Rio de Janeiro: Polydor, 1992.
- _____. (1972). *Mutantes e seus Cometas no país Baurestes*. Rio de Janeiro: Polydor, 1992.
- PAULA, L. de. *A intergenericidade da canção*. Projeto de Pesquisa trienal da orientadora na UNESP. Assis-SP: UNESP, 2010 (Mimeo).
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável”. Volume 1. *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.
- _____. “Círculo de Bakhtin – diálogos in possíveis”. Volume 2. *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.
- SOBRAL, A. U. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda*. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006. (Mimeo).